

## QUEM ESCANCAROU A LÍNGUA PARA OS DEMÔNIOS? BIALIK CONTRA BEN-YEHUDA<sup>1</sup>

### WHO OPENED WIDE THE LANGUAGE TO THE DEMONS? BIALIK AGAINST BEN-YEHUDA

Shmuel Avneri\*  
Nancy Rozenchan\*\*

**Resumo:** O texto esmiúça de forma crítica as manifestações do poeta nacional israelense, Chaim Nachman Bialik, a respeito da ampla atuação de Eliezer Ben-Yehuda, conhecido com o revigorador da língua hebraica.

**Palavras-chave:** Eliezer Ben-Yehuda. Chaim Nachman Bialik. Renascimento da língua hebraica.

**Abstract:** The text critically analyzes the manifestations of the Israeli national poet, Chaim Nachman Bialik, regarding the broad performance of Eliezer Ben-Yehuda, known as the invigorator of the Hebrew language.

**Keywords:** Eliezer Ben-Yehuda. Chaim Nachman Bialik. rebirth of the Hebrew language.

"Não há nenhuma área da cultura judaica em que Bialik não tivesse atuado", escreveu S.Y. Agnon a respeito do poeta, e assim enfatizou: "E adicionou um bom tesouro à nossa língua, forjou-a e nos deu uma boca."<sup>2</sup> A maneira de Bialik de forjar e enriquecer a língua hebraica agradou a Agnon, em contraste com o modo de Eliezer Ben-Yehuda e o mito que se criou a seu respeito, de "ressuscitador da língua", mito que enfureceu tanto Bialik como Agnon. Já se escreveu extensamente a respeito do enfoque de Ben-Yehuda por Agnon<sup>3</sup>; procurarei, adiante, resumir o ponto de vista de Bialik e seu trajeto nessa questão.

A penúria da língua hebraica e a necessidade de reavivá-la ocuparam Bialik ainda antes de completar dezoito anos; um de seus colegas na *ieshivá* de Volojin se manifestou a respeito de sua primeira iniciativa de contribuir para isso: "Surgiu a ideia de reavivar a língua hebraica

---

<sup>1</sup> Título original do artigo: *Mi paratz et halashon lashedim? Bialik négued Ben-Yehuda*, publicado originalmente em AVNERI, Shmuel. *Cama Bialik yesh? Al ribui panav shel hameshorer haleumi*. (Quantos Bialik existem? Sobre as múltiplas facetas do poeta nacional). Rishon Letsion, Yediot Acharonot. Sifré Chémed, 2021, p. 347–355. Agradecemos ao autor pela cessão do uso do artigo.

\* Diretor de Beit Bialik (Casa de Bialik) em Tel Aviv. Email: <zalzal49@gmail.com>.

\*\* Nancy Rozenchan (tradutora), Professora Sênior – DLO – FFLCH USP. Email: <nrozench@usp.br>.

<sup>2</sup> AGNON, Shay. "Al C. N. Bialik" [Sobre C. N. Bialik]. *Missod chachamim* [Do arcano dos eruditos], Schocken, Jerusalém e Tel Aviv, 2002, p. 83.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Aharon Bar-Adon, no capítulo "Eliezer Bem-Yehuda", *Shai Agnon utechiyat halashon haivrit* [Shai Agnon e o renascimento da língua hebraica], Mossad Bialik, Jerusalém, 1997, p. 93-127.

falada para ‘renovar sua juventude como outrora’”. Para isso, foi fundada em Odessa uma primeira sociedade, seguida por outra em Varsóvia, chamada de ‘*Safá brurá*’ (Língua nítida)”. No entanto, a língua, em seu âmbito estreito naquela época, a língua da Bíblia, era pobre e insuficiente para a fala [...] Bialik expressou uma ideia para vir em seu auxílio. Ele montou um plano completo e elaborado, qual seja: dividiremos entre vários colegas os volumes da *Mishná*, os leremos, e anotaremos todas as palavras inovadas na *Mishná* e que não se encontram na Bíblia [...] vamos classificá-las e organizá-las por categorias (plantas, alimentos, instrumentos de trabalho, etc.), e enviaremos este material para Varsóvia, para a sociedade ‘Língua nítida’. Eles descartarão o que for descartável, introduzirão o que pode ser introduzido e os usarão [...] Esse foi o plano inocente de rapazes de dezessete, dezoito anos. A proposta foi aceita de bom grado, começamos a trabalhar com vigor, mas logo descobrimos que esta tarefa não era compatível com nossas parcas forças, pois ela requeria uma preparação prévia que não possuíamos, e o plano foi cancelado de antemão.”<sup>4</sup>

Estes foram os primórdios da concepção básica de aprimoramento da língua de Bialik, que dezessete anos mais tarde foi expresso de forma mais coesa no ensaio “As dores da língua”, que o poeta publicou na revista *HaShilôah* [A remessa], (1908). Nesse ensaio, Bialik alegou que o fortalecimento da língua hebraica deve ser feito primordialmente “de si e por si mesma”, pela revitalização das fontes linguísticas ocultas adormecidas nas diversas camadas da cultura hebraica em suas diversas gerações (Bíblia, *mishná*, *midrashim*, poesia medieval e assim por diante) e somente depois disso por inovações de palavras ou traduções das línguas de outros povos. E assim, em continuidade ao âmago do pensamento que tinha concebido ainda em Volojin, Bialik enfatizou:

Um dicionário hebraico-hebraico completo e elaborado, um dicionário de coleta do tesouro linguístico de todas as gerações com todo o seu crescimento e desenvolvimento e as possibilidades próximas envolvidas nele, precede, portanto, todos os outros atos de expansão e traduções de dicionários.<sup>5</sup>

Com base neste conceito, Bialik se opôs ao sistema de Ben-Yehuda em vários aspectos. Em primeiro lugar, Bialik atribuiu a Ben-Yehuda um excesso de entusiasmo na inovação de palavras sem fazer uso suficiente da riqueza linguística oculta nos estratos históricos da língua hebraica. Bialik considerou errado o enriquecimento acelerado e artificial da língua em um

---

<sup>4</sup> GOLDSTEIN, D. “Mitchilatô shel Bialik”. [Dos primórdios de Bialik. *Davar* [Palavra], 23.11.1934.

<sup>5</sup> BIALIK, C. N., “Chevlê Lashon” [Dores da Língua]. *Kol Kitvê C. N. Bialik* [Obra completa de C. N. Bialik. Dvir, Tel Aviv, 5728, p. 190.

processo que ele comparou a uma "fábrica de novas palavras"; daí também a relutância em relação aos jornais de Ben-Yehuda, cheios de inovações estrangeiras, que ele qualificava de "abomináveis"<sup>6</sup>.

Como mencionado, Bialik não descartou a própria necessidade de renovar palavras, e, em seu ensaio "Dores da Língua" [Chevlê lashon], ainda enfatizou: "Ai da língua que não cresce junto com seus donos e com a riqueza de seus conceitos, mas é arrastada como um fracote atrás deles". De fato, fiel a essa afirmação, Bialik participou de uma série de comitês de inovações de palavras em diversas áreas, desde eletricidade, técnica e impressão até esgoto, saneamento e zoologia.<sup>7</sup> Centenas de inovações do poeta foram incluídas pelo linguista Yitzhak Avineri no *Milon Chidushê Bialik* [Dicionário de Inovações de Bialik] (Tel Aviv, 1935), com as palavras fluindo de nossa língua, sem que tivéssemos consciência de que Bialik era seu pai-gerador, entre as quais incluem-se: "importação" [yevu], "exportação" [yetsu], "reação" [tguvá], "anseio" [ergá], "acidente" [teuná], "câmera" [matslemá], "martim-pescador" [shaldag], "cisão" [pitsul], "sagacidade" [shninut], e muito mais. Bialik renovou mais palavras do que Ben-Yehuda (cerca de 300 contra cerca de 220); novas combinações de palavras antigas – com o "preenchimento de embalagens vazias com novo chumbo", segundo a linguagem figurativa de Bialik – eram vistas por ele como mais valiosas do que inovações, e elas foram, na maioria das vezes, incluídas em suas obras.<sup>8</sup>

Nem todas as inovações linguísticas sugeridas por Bialik se tornaram populares. Na verdade, o "matôs" [avião] e o "tayás" [piloto] de Bialik suplantaram o "aviron" [avião] e o "meofef" [piloto], de Ben-Yehuda, mas, por outro lado, as crianças brincam em *Chanuká* com "sevivon" [pião] em vez de "kirkar" [pião] sugerido por Bialik, e comem "sufganiot" [sonhos] em vez de "esfoguim" [sonhos], (que Bialik inovou segundo o paradigma nominal de "etrog"

---

<sup>6</sup> Ver BIALIK C. N. *Igrot Chaim Nachman Bialik* [Missivas de Chaim Nachman Bialik], 2. Dvir, Tel Aviv, 5698, p. 72. Sobre a tentativa de arregimentar Bialik para abrir um jornal alternativo aos órgãos jornalísticos de Ben-Yehuda, ver LANG, Yossef. "‘Iton Hagun’ – Nissaion koshel leyassed yomon beTel Aviv" [Um jornal respeitável – Uma tentativa fracassada de criar um diário em Tel Aviv], *Késher*, número 39, outono de 2009, p. 63-74.

<sup>7</sup> Sobre a contribuição de Bialik para o Comitê de Termos para a Pesca, para o Comitê de Termos para Alvenaria e outros, ver: EISENSTADT, Shmuel. "Bimechitsatô shel Bialik beavodat halashon" [Na companhia de Bialik no labor da língua], *Atidot* [Eventos Futuros], outono e inverno 5719, p. 164 -168. Agradeço a Avner Holzman a indicação deste artigo. Sobre a cooperação entre Bialik e o zoólogo Israel Aharoni no campo da renovação da língua, ver também o artigo de AMAR, Zohar, "Israel Aharoni ufeilutô bevaad halashon" [Israel Aharoni e sua atuação no Conselho da Língua], *Haivrit* [O hebraico], 65, 5779, p. 109 – 128.

<sup>8</sup> Ver a tabela de divisão das palavras na poética de Bialik de acordo com sua origem em EVEN-SHOSHAN, A. e SEGAL, Y., *Kondordantsia leshirat C. N. Bialik* [Concordância da poesia de C. N. Bialik]. Kiriyat-Sêfer, Jerusalém, 5720, p. 333.

[fruto cítrico]). Do mesmo modo, nos protegemos da chuva com “*mitriyá*” [guarda-chuva], de Ben-Yehuda, ao invés de “*sochekh*”, de Bialik, e há mais exemplos relativos a cada um deles.<sup>9</sup>

Bialik opôs-se especialmente ao sufixo predominante “*ya*” (como em “*mitriyá*” [guarda-chuva]), como recordou um de seus amigos: “Guardo na minha memória como Bialik derramou sua ira sobre essa palavra que se renovara pouco tempo antes com o sufixo ‘*ya*’, como foi moda naqueles tempos [...] ‘*Ya, ya, ya, ya*’ – ele gritava de boca bem aberta e um rilhar de dentes – ‘Logo se ouvirá em hebraico só *ya, ya, ya*, como o ornejo de um burro’, e imitou este ornejo. ‘Qual o sentido de adicionar à velha palavra alguma sílaba banal ou ‘*ya*’ ou ‘*yon*’ e pronto [...] ao se procurar renovar uma palavra deve-se observar como eles, os antigos hebreus, fizeram isso. A raiz deve ser trabalhada a partir do seu interior, e não agregando sílabas.”<sup>10</sup>

Bialik tendia a introduzir inicialmente de forma sub-reptícia as suas inovações linguísticas na literatura que escrevia ou traduzia, e, só depois que elas passavam ali pelo “batismo de fogo”, é que ele hesitantemente as inseria também em suas obras. Em suas inovações, Bialik tentou equipar as palavras com um som linguístico familiar, e construí-las sobre modelos e padrões linguísticos no espírito da língua hebraica e de acordo com as leis de seu uso, a ponto de, muitas vezes, ser difícil discernir que era uma palavra nova. Assim, por exemplo, ele incluiu pela primeira vez o verbo “*rishresh*” [farfalhou], que ele inovou, em um dos contos de Guershom Shoffman, por ele editado na revista *Hashilôach*. E então, “após o lançamento do periódico, o uso desta palavra se difundiu em todos os escritos de autores daquela época”, conta Bialik, “e todos tinham certeza de que se tratava de uma palavra antiga, do *Midrash* ou do Talmude. A questão chegou a tal ponto, que o Dr. Klausner discutiu comigo porque tinha visto esta palavra no *Midrash* ou no Talmud. Obviamente, ele não foi o vencedor.”<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Para mais dados, ver: SHAMIR, Ziva, “Ma achal Bialik bechanuká” [O que Bialik comeu em Chanuká], *Shirim ufizmonot gam liladim – Lechêker shirat Bialik liladim ulenoar* [Poemas e melodias também para crianças – Para a pesquisa da poesia de Bialik para crianças e jovens]. Papyrus, Universidade de Tel Aviv, 1986, p. 141 -144; ROSENTHAL, Ruvik, “Rishrush hagachlilit utsrachat hashaldag – chidushê halashon shel Chaim Nachman Bialik” [O farfalhar do vagalume e o grito do martim-pescador - as inovações da língua de Chaim Nachman Bialik] *Et-mol*, 214, dezembro de 2010, p. 25-27; TSAMÉRET, Tsvi, “Bialik kemechadesh hassafá haivrit” [Bialik como renovador da língua hebraica] *Ivunim chadashim* [Novas direções], 23, dezembro de 2010, p. 289 – 296.

<sup>10</sup> LEIBL, Daniel. “Bialik shebeal-pe” [Bialik oral]. *Molad* [Nascimento], 17, número 131, julho de 1959, p. 280. Sobre porque “Bialik preferiu deliberadamente a configuração com padrão nominal em todas as suas inovações à configuração com sufixo”, ver BEN-CHAIM, “Bialik vechaassíá balashon” [Bialik e a construção da linguagem], *Knéset* [Assembleia] (Nova série), 5720, p. 237. Assim o autor exemplifica neste artigo como Bialik estabeleceu um padrão nominal para expressar diminutivo, e como desmembrou formas gastas e fundiu os seus componentes em novas combinações.

<sup>11</sup> *Igrot Bialik* [Missivas de Bialik], 2, p. 252.

Desta forma, Bialik também instruiu os jovens escritores que lhe enviavam os seus textos. Assim, por exemplo, Bialik criticou a multiplicidade de inovações linguísticas que encontrou em um dos contos de Yochanan Tversky:

Você detalha demais e sobrecarrega a língua com inovações além do que ela comporta. Na sua ambição de condensação figurativa, você constrói inúmeros verbos, adjetivos e advérbios baseado em formas estrangeiras ou de exceções, e às vezes até desnecessariamente. Novas criações, mesmo corretas, que chegam à linguagem em abundância e antes da hora - esgotam seu poder e distorcem sua face.<sup>12</sup>

Em oposição a isso, Bialik apontou para o jovem escritor o modo que lhe parecia desejável:

É costumeiro e há na própria língua hebraica muitas possibilidades e devemos trazê-las à luz. Ainda há bastante trabalho pela frente para fazer reviver as muitas imagens úteis que nossa língua tem, mas que, por falta de conhecimento e desleixo, são anuladas e neutralizadas por nós.<sup>13</sup>

Nesta questão, Bialik identificou-se com o modo do escritor Y.M. Pines, que alertou:

Tenham cuidado ao introduzir palavras estrangeiras na língua hebraica! Porque se vocês errarem e inserirem uma nova palavra que é estranha ao espírito da língua em seu paradigma e forma, ela causa desarmonia [...] e toda a responsabilidade recai sobre as cabeças dos inovadores precipitados.<sup>14</sup>

Em uma inserção descontrolada de palavras na corrente sanguínea da língua hebraica, Bialik via, portanto, um grande pecado, e considerou Ben-Yehuda um "malfeitor" que "arruinava o âmago da língua, e escancarou nela brechas para todos os tipos de demônios e anjos da destruição".<sup>15</sup>

Bialik divergiu de Ben-Yehuda também porque aparentemente sentiu que ele estava tocando o invólucro da língua e não seu âmago e meandros: "Quanto ele (Ben-Yehuda) se importa com o que Rabi Akiva e Rabi Meir e Hilel e Rabino Yossi Ben Halafta disseram – é importante que disseram o que disseram em hebraico, mas não, Deus o livre, em aramaico." <sup>16</sup> No espírito desta crítica, Bialik também expressou sua decepção com as revelações da fala

---

<sup>12</sup> Idem, 2, p. 308.

<sup>13</sup> Idem, p. 340.

<sup>14</sup> BIALIK, "Al Yechiel Michal Pines" [Sobre Yechiel Michal Pines], *Dvarim shebeal-pe*. [Temas orais] 2, Dvir, Tel Aviv, 5695, p. 178.

<sup>15</sup> TSÊMACH, Shlomô, "Caasher reitiv larishoná" [Quando o vi pela primeira vez]. *Moznaim* [Balança], Tamuz-Av 5694, p. 426.

<sup>16</sup> HAMEIRI, Avigdor. *Bialik al-atar* [Bialik no local], Niv, Tel Aviv, 1962, p. 9.

hebraica que encontrou durante sua visita aos ginásios hebraicos na Lituânia e na Polônia: "Embora a fala hebraica esteja se difundindo pelas ruas e na vida, não há nenhuma conexão real com a literatura hebraica. Nenhum conhecimento profundo do passado, dos clássicos. Não há conexão com as fontes. Brotou uma geração superficial."<sup>17</sup>

O poeta também descartou a pretensão de Ben-Yehuda de conduzir sozinho a sua grande obra do dicionário, sendo que tal dicionário fora destinado, em sua opinião, "a ser elaborado por um grupo de eruditos especialistas com a participação dos artífices da língua e o estilo hebraico do nosso povo".<sup>18</sup> "O dicionário de Ben Yehuda é apenas uma parte da língua, afinal Ben-Yehuda também foi um diletante", opôs-se Bialik em um encontro de *Leshonênu* [Nossa Língua], em Haifa, acrescentando:

Temos uma literatura enorme de modo que é impossível que um só indivíduo a lembre, e é obrigatório dividir o trabalho entre diferentes pessoas, de acordo com os temas: Bíblia, Talmude de Jerusalém, Talmude Babilônico, poetas litúrgicos [...] somente depois de todo esse trabalho dividido é que o grande dicionário pode ser elaborado.<sup>19</sup>

O círculo familiar próximo a Ben-Yehuda não pareceu a Bialik ser um substituto satisfatório para esse "conjunto de eruditos", e, em um tom irônico, ele escreveu para um de seus amigos: "Por enquanto, ele irá para a Terra de Israel e, incidentalmente, aprenderá, de Ben-Yehuda e do filho de Ben-Yehuda [Itamar] e de Hemda, a esposa de Ben-Yehuda, um pouco da língua".<sup>20</sup>

"O Dicionário de Ben Yehuda não é o dicionário que precisamos" – Bialik reiterou em seus encontros com amigos<sup>21</sup> e, em uma palestra proferida em Nahalal, denunciou a "expansão artificial" deste dicionário que se concentra desproporcionalmente na camada bíblica da língua, que acumula "todos os tipos de versos sobre cada palavra, não com o propósito de enfatizar o tom, mas para aumentar o número de volumes".<sup>22</sup> De fato, como Natan Efrati concluiu em sua pesquisa, "Bialik realmente quiz expropriar de Ben-Yehuda a escrita do dicionário", e "anulou completamente o valor das inovações de Ben-Yehuda no decorrer do seu trabalho no dicionário".<sup>23</sup>

---

<sup>17</sup> HAMPEL, Mordechai. "Chaim Nachman Bialik al yahadut hagolá" [Chaim Nachman Bialik sobre o judaísmo da diáspora]. *Hapoel hatsair* [O jovem operário], 17.7.1962, p. 24

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> "Divrè C. N. Bialik beasfat 'Leshonênu' beHeifá" [Manifestação de Bialik na reunião de 'Leshonênu' em Haifa], *Davar*, 23.3.1934.

<sup>20</sup> *Igrot Bialik* [Missivas de Bialik], 2. p. 118.

<sup>21</sup> BERGMANN, Hugo. "Missichotav" [De suas conversas]. *Davar*, 1.8.1934.

<sup>22</sup> BIALIK, "Lesheelat hatarbut haivrit" [Quanto à cultura hebraica]. *Dvarim shebeal-pe* [Temas orais], 1, p. 209.

<sup>23</sup> EFRATI, Natan. *Mileshon yechidim lileshon umá* [De língua de indivíduos para língua de uma nação]. Academia de Língua Hebraica, Jerusalém, 5764, p. 224.

Além disso, Bialik se recusou a reconhecer Ben Yehuda como o "Revivificador do hebraico falado". Em uma reunião do Instituto de Estudos Judaicos da Universidade Hebraica de Jerusalém (que discutia a questão de estabelecimento de uma cadeira para o ídiche), Bialik opôs-se, em janeiro de 1928: "É impossível dizer que o desejo de Ben-Yehuda, quando começou a gaguejar em hebraico em sua casa, foi um fator decisivo no renascimento da língua hebraica".<sup>24</sup> Em outro contexto, Bialik se expressou em relação aos opositores do ídiche, que se contavam entre os sucessores em Ben Yehuda, nesta linguagem contundente: "A língua hebraica tem donos, e o seu respeito não será defendido pelos jovens e todos aqueles de cabeça vazia e imprudentes da escola de Ben-Yehuda".<sup>25</sup> Naquela mesma reunião, Bialik, na prática, questionou a capacidade do indivíduo de influenciar o destino de uma língua, argumentando que condições objetivas e leis históricas férreas são as que impõem o desaparecimento ou renascimento de uma língua. Já no verão de 1918, em uma controvérsia que teve com Menachem Ussishkin, Bialik enfatizou criticamente: "A 'paternidade' do 'grande herói' Ben-Yehuda na fala hebraica - também é altamente questionável, e já foi negada várias vezes de forma pública."<sup>26</sup>

Ussishkin e Ben-Yehuda também foram acusados simultaneamente por Bialik de imperdoável desrespeito a Mêndele Mocher Sfarim. Em 1914, Ussishkin rejeitou a recomendação de Bialik e de Ravnitsky de agregar Mêndele à "Associação de Entusiastas da Língua Hebraica" [*Agudat chovevê sfat ever*] em Odessa, alegando que a candidato proposto (que Bialik considerava "o criador do estilo hebraico") não se identificava suficientemente com o movimento sionista e com a língua hebraica; no mesmo ano, Ben-Yehuda também rejeitou a associação de Mêndele ao "Comitê da Língua Hebraica" [*Vaad halashon haivrit*] sob sua liderança, porque "o avô", - ou seja, Mêndele, "não parava de zombar e de desrespeitar o comitê em uma conversa destinada à publicação".<sup>27</sup> Esta atitude também provocou a ira de Brenner, que posteriormente chamou o "Comitê da Língua Hebraica" de "Comitê para a idiotice e a barbárie".<sup>28</sup>

Assim como Bialik, Agnon se recusou a reconhecer Ben-Yehuda como o "renovador da fala", apontando Ussishkin como um dos autores do que ele considerava um falso mito. "Ben-

---

<sup>24</sup> BERGMANN, Hugo. "Bialik shebeal-pe" [Bialik oral. *Haaretz* (A terra), 22.7.1935.

<sup>25</sup> AVINERI, Its'chak. "Mezichronotai al Bialik" [De minhas memórias de Bialik. *Yediot Acharonot* [Últimas notícias], 3.1.1969.

<sup>26</sup> BIALIK, "Tarbut upolitika" [Cultura e política]. *Kol Kitvê C. N. Bialik* [Obra completa de C. N. Bialik], p. 266.

<sup>27</sup> BEN-IEHUDA, Eliezer, "Bidvar vaad halashon" [Quanto ao Comitê de Língua]. *Hatsvi* [O cervo], 24.7.1917.

<sup>28</sup> BRENNER, Y. C., "Michayê Ierushalaim" [Da vida de Jerusalém]. *Kol kitvê Y. C. Brenner* [Obra completa de Y. C. Brenner], 2, Dvir e Hakibutz Hameuchad, Tel Aviv, 1960, p. 118.

Yehuda - Vemos como se empenharam para criar uma lenda sobre ele", escreveu Agnon ao linguista Aharon Bar-Adon, acrescentando:

O *Kéren Kayémet* [Fundo Nacional Judaico] publicava folhetos com o título de *Lanôar* [Para a Juventude], e ali foi publicado um caderno de autoria do Prof. Klausner a respeito de Ben-Yehuda como revitalizador da língua, e assim por diante. Rabi Lêizer (Eliézer) Meír Lifshitz, de abençoada memória, encontrou Ussishkin que chefiava o *Kéren Kayémet* e perguntou-lhe: 'Você sabe que não é Ben-Yehuda que revigora a língua, pois a língua nunca morreu!'. Ele (Ussishkin) respondeu: 'Bem sei, mas o povo está procurando um herói e nós estamos lhe dando o herói'.<sup>29</sup>

Em um estudo minucioso, Shlomô Haramati ainda apontou para as contribuições pioneiras de Yossef Halevi, Baruch Ben-Yitzhak Mitrani (Banim) e Nissim Behar na revitalização do discurso hebraico e no ensino do hebraico como uma língua viva, esclarecendo:

Ideias e sugestões – e às vezes também ações – atribuídas a Ben-Yehuda também foram o legado desses três eruditos que o precederam. Mas como essas coisas não são conhecidas por muitos, nem sempre temos o cuidado de defender o direito dos mais antigos.<sup>30</sup>

Em um livreto abrangente publicado 22 anos depois, Haramati novamente abordou o “mito Ben-Yehuda”. Ao fazê-lo, chegou à conclusão segundo a qual Ben-Yehuda não era nem o “pai da língua hebraica” nem o “pai da fala hebraica”, mas

um líder que sabia como acionar indivíduos e grupos, a fim de aprimorar o discurso hebraico popular, que se desenvolveu na Terra de Israel por séculos, e torná-lo a linguagem da vida no país – tanto para fins cotidianos quanto para a escrita em suas diversas variedades.<sup>31</sup>

Houve quem achasse que o tratamento de Bialik dado a Ben-Yehuda era de “ciúme” e “ódio”, e houve até quem deu asas a uma “revelação histórica” ridícula de que Bialik havia retardado a sua imigração para Israel porque ele supostamente “se recusou a se estabelecer na

---

<sup>29</sup> BAR-ADON, Aharon. *Shai Agnon utchiyat halashon haivrit* [Shai Agnon e o renascimento da língua hebraica], p. 93-127.

<sup>30</sup> HARAMATI, Shlomô. *Shloshá shekadmu leven-yehuda* [Três que antecederam Ben-Yehuda]. Yad Ben-Tsvi, Jerusalém, 1978, p. 9.

<sup>31</sup> HARAMATI, Shlomô. *Ivrit safá medubéret*. [Hebraico língua falada]. Misrad Habitachon hahotsáá laor [Editora do Ministério da Segurança]. Tel Aviv, 2000, p. 125.

Terra de Israel enquanto Ben-Yehuda estivesse vivo".<sup>32</sup> Porém Bialik não descartou Ben-Yehuda de modo pessoal, mas sim o seu método e lideranças linguísticas; e não só isso, mas considerou a devoção suprema de Ben-Yehuda à língua hebraica e as ondas que sua incansável atividade despertou, uma faceta digna de apreço

Vimos, às vezes, como algumas ações isoladas no campo da cultura acionaram o poder da nação! Eis o dicionário de Ben-Yehuda, vocês sabem que eu não sou um de seus simpatizantes, mas este empreendimento teve, na diáspora, um razoável poder quanto à construção da Terra, ante uma série de agitações [propagandas efervescentes].<sup>33</sup>

Deve-se frisar também que nem toda inovação que saiu da escola de Ben-Yehuda foi totalmente rejeitada por Bialik. Assim, por exemplo, Bialik adotou a palavra “*mechonit*” [carro] inovada por Itamar Ben-Avi (primogênito de Ben Yehuda), incluiu-a no título de um dos seus conhecidos poemas infantis e com isso contribuiu para a sua adaptação ampla na língua, como testemunha o próprio Ben-Avi em carta ao escritor Daniel Perski: “A palavra “*mechonit*” é minha, e Bialik a incluiu em seu famoso poema, e quando nos encontramos a beira-mar ele me disse que estava feliz em incluir essa palavra ao seu rico vocabulário, a que eu respondi – você a perpetuou!”<sup>34</sup>

Além dos aspectos mencionados até agora, acredito que, no âmago da disputa entre os dois homens, há também contrastes na percepção da nacionalidade e da Terra. Enquanto, como ‘ugandista’, Ben-Yehuda estava pronto a desistir da Terra de Israel<sup>35</sup>, Bialik esteve entre aqueles que se recusaram a substituir Sião por qualquer outro território, e viram no retorno à terra ancestral um elemento central do renascimento nacional. Além disso, Bialik entendeu a língua hebraica como “solo das gerações” e como o nosso “fundo nacional espiritual”, que engloba os bens da cultura do povo de Israel desde os seus primórdios e até o presente;<sup>36</sup> neste contexto, o poeta nacional entendeu Ben-Yehuda como “sendo herético”, disposto a desistir não só do solo da Terra de Israel, mas também de partes do “solo espiritual” do povo judeu e de sua identidade nacional. Em uma palestra sobre a ligação entre a nação e a sua língua, Bialik

---

<sup>32</sup> KARNI, Yoav. “Eliezer Ben-Yehuda u’redidut histórit” [Eliezer Ben-Yehuda e ‘superficialidade histórica’]. *Yediot acharonot* Tarbut/sifrut/omanut [Últimas notícias – cultura/literatura/arte]. 27.10.1978.

<sup>33</sup> SHNIR, Mordechai. *Bnê hador umorav* [Contemporâneos e seus mestres]. Tel Aviv, 5719, p. 97.

<sup>34</sup> BEN-AVI, Itamar. *Gnazim* [Arcanos], 2, 1965, p. 77-78.

<sup>35</sup> Ver LANG, Yossef. *Daber ivrit! Chaiê Eliezer Ben-Yehuda*. [Fale hebraico! Vida de Eliezer Ben-Yehuda]. 2, Yad Ben-Tsvi, Jerusalém, 2008, p. 452-503.

<sup>36</sup> BIALIK, “Od al kinus haruach” [Ainda sobre a convenção espiritual]. *Dvarim shebeal-pe* [Temas orais], p. 69; “Mechusrê halashon vetakanatá” [Os desprovidos de língua e sua regulamentação], idem, 2, p. 139.

voltou a esclarecer esta concepção: “a língua é um documento, um título da nossa propriedade e de todos os nossos bens nacionais, um título embutido em nosso sangue e em nossos membros. Quem guarda o título tem o direito, e quem perdeu o título, perde o direito a tudo”.<sup>37</sup>

O Dr. Shmuel Eisenstadt que, como diretor do Bureau Central do Comitê de Língua Hebraica na época, observava de perto a contribuição de Bialik para o fortalecimento da língua no âmbito dos órgãos profissionais do comitê, resumiu a diferença entre o linguista e o poeta nas seguintes frases

Eliezer Ben-Yehuda viu a língua hebraica como um mecanismo mecânico que pode ser mudado como material e adaptado por meios artificiais às necessidades da vida. Ele aspirava domar, bem como, às vezes, violar a língua, empurrá-la para padrões de vida determinados para fins úteis. Não foi assim com Chaim Nachman Bialik, para o qual a língua era a imagem da vida, sua criação tangível, complexa, plena de intenções e saturada de harmonia natural que não pode ser alterada por um viés artificial. A lei básica da língua é o ritmo que há nela, e cada palavra é um tom milagroso dentro do mecanismo complexo; e qualquer som que não veio das profundezas da língua por força de um crescimento orgânico interno, mas trazido de fora como uma invenção de um indivíduo - não se mescla com a língua e serve como uma corcova nas suas costas [...] ele sentia a alma da língua, o sangue da essência que flui em suas artérias; no lugar em que outros viam diante de si somente letras fluorescentes e um composto artificial de sílabas - e nisso estava incluído essencialmente o segredo de sua obra.<sup>38</sup>

Berl Katznelson também se manifestou sobre o trabalho de Bialik como revitalizador da língua e mentor na prática de sua consolidação:

Há também um perigo por parte do revigorador da língua [...] e Bialik foi o homem que suportou esta campanha. Seu ouvido examinou palavras. Ele sabia o que aproximar e o que afastar. O domínio dos tesouros da língua e o talento do escritor, juntaram-se nele. Ele sabia banir centenas de palavras sem sentido, ele sabia como inserir inovações que poderiam ser imediatamente englobadas na língua, sem que fossem percebidas. Ele sabia reunir palavras abandonadas e esquecidas e recuperar para elas o direito ancestral. Ele sabia apoiar as inovações dos outros. Enquanto Bialik viveu – sabíamos que havia alguém em quem confiar, porque tínhamos conosco o último legislador em questões de língua.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> BIALIK. “Bêin umá lelashon” [Entre nação e língua]. *Dvarim shebeal-pe*. [Temas orais]. 1, p.15.

<sup>38</sup> EISENSTADT, Shmuel. “Ledarcô shel Bialik biytsirat halashon” [O modo bialikano na criação da língua]. *Brit-am* [Pacto de nação], número 4, 21.8.1934, p. 4.

<sup>39</sup> KATZENELSON, Berl. “Yechid haumá” [O indivíduo da nação]. *Bechevlè adam* (al morim vechaverim) [As dores do ser humano – A respeito de professores e companheiros]. Am oved, Bel Aviv, 5705, p. 210.

Deve-se notar que Ben-Yehuda, de sua parte, se absteve de um confronto direto com a crítica contundente de Bialik. Parece-me que uma exceção foi a seguinte resposta anônima, publicada em um dos jornais de Ben-Yehuda após as palavras acusatórias que Bialik escreveu em "Dores da Língua":

Se Bialik fosse um famoso erudito da língua hebraica ou um orientalista, ou até um 'filólogo' em seu ofício – talvez Ben-Yehuda se indignasse com ele por essas palavras. Mas a um **poeta** perdoamos muito e, em particular, porque Bialik é completamente secular [no sentido de amador] nessas questões.<sup>40</sup>

Em seu trabalho linguístico e em sua atividade pública em geral, Ben-Yehuda foi submetido a incessantes ataques de várias personalidades e círculos que discordavam muito fortemente de seu modo, e o odiaram ardentemente. É bem possível que, também diante desse cenário, Ben-Yehuda fosse cauteloso ao lançar uma campanha aberta contra aquele que fora coroado como o "poeta nacional". No entanto, não faltaram a Ben-Yehuda também apoiadores e fãs que estiveram a seu lado nas disputas com Bialik e escritores da mesma geração. Estes incluem David Yellin, R. Binyamin (Yehoshua Redler-Feldman), Yossef Klausner, Yehoshua Barzilai e outros<sup>41</sup> e, é claro, houve aqueles que penderam para um lado ou para o outro.

## **Bibliografia**

AGNON, Shay. "Al C. N. Bialik" [Sobre C. N. Bialik]. *Missod chachamim* [Do arcano dos eruditos], Schoken, Jerusalém e Tel Aviv, 2002, p. 83.

AMAR, Zohar, "Israel Aharoni ufeilutô bevaad halashon" [Israel Aharoni e sua atuação no Conselho da Língua], *Haivrit* [O hebraico], 65, 5779, p. 109 – 128.

AVINERI, Its'chak. "Mezichronotai al Bialik" [De minhas memórias de Bialik. *Yediot Acharonot* [Últimas notícias], 3.1.1969.

BAR-ADON, Aharon. *Shai Agnon e o renascimento da língua hebraica. Mossad Bialik*, Jerusalém, 1997, p. 93-127.

---

<sup>40</sup> "Chadashot bessifrut, omanut umadá" [Notícias de literatura, arte e ciência]. *Hashkafá* [Observação], 4.3.1908. Grifo no original.

<sup>41</sup> Ver EFRATI, Natan. *Mileshon yechidim lileshon umá* [De língua de indivíduos para língua de uma nação], P. 228 – 230.

BAR-ADON, Aharon. Shai Agnon utchiyat halashon haivrit [Shai Agnon e o renascimento da língua hebraica], p. 93-127.

BEN-AVI, Itamar. Gnazim [Arcanos], 2, 1965, p. 77-78.

BEN-CHAIM, “Bialik vехаassíá balashon” [Bialik e a construção da linguagem], Knésset [Assembleia] (Nova série), 5720, p. 237.

BEN-IEHUDA, Eliezer, “Bidvar vaad halashon” [Quanto ao Comitê de Língua]. Hatsvi [O cervo], 24.7.1917.

BERGMANN, Hugo. “Bialik shebeal-pe” [Bialik oral]. Haaretz (A terra), 22.7.1935.

BERGMANN, Hugo. “Missichotav” [De suas conversas]. Davar, 1.8.1934.

BIALIK C. N. Igrot Chaim Nachman Bialik Missivas de Chaim Nachman Bialik], 2. Dvir, Tel Aviv, 5698, p. 72.

BIALIK, “Al Yechiel Michal Pines” [Sobre Yechiel Michal Pines], Dvarim shebeal-pe. [Temas orais] 2, Dvir, Tel Aviv, 5695, p. 178.

BIALIK, “Lesheelat hatarbut haivrit” [Quanto à cultura hebraica]. Dvarim shebeal-pe [Temas orais], 1, p. 209.

BIALIK, “Od al kinus haruach” [Ainda sobre a convenção espiritual]. Dvarim shebeal-pe [Temas orais], p. 69; “Mechusrê halashon vetakanatá” [Os desprovidos de língua e sua regulamentação], idem, 2, p. 139.

BIALIK, “Tarbut upolitika” [Cultura e política]. Kol Kitvê C. N. Bialik [Obra completa de C. N. Bialik], p. 266.

BIALIK, C. N., “Chevlê Lashon” [Dores da Língua]. Kol Kitvê C. N. Bialik [Obra completa de C. N. Bialik]. Dvir, Tel Aviv, 5728, p. 190.

BIALIK. “Bêin umá lelashon” [Entre nação e língua]. Dvarim shebeal-pe. [Temas orais]. 1, p.15.

BRENNER, Y. C., “Michayê Ierushalaim” [Da vida de Jerusalém]. Kol kitvê Y. C. Brenner [Obra completa de Y. C. Brenner], 2, Dvir e Hakibutz Hameuchad, Tel Aviv, 1960, p. 118.

EFRATI, Natan. Mileschon yechidim lileshon umá [De língua de indivíduos para língua de uma nação]. Academia de Língua Hebraica, Jerusalém, 5764, p. 224, 228-230.

EISENSTADT, Shmuel. “Bimechitsatô shel Bialik beavodat halashon” [Na companhia de Bialik no labor da língua], Atidot [Eventos Futuros], outono e inverno 5719, p. 164 -168.

EISENSTADT, Shmuel. “Ledarcô shel Bialik biytsirat halashon” [O modo bialikano na criação da língua]. Brit-am [Pacto de nação], número 4, 21.8.1934, p. 4.

EVEN-SHOSHAN, A. e SEGAL, Y., Kondordantsia leshirat C. N. Bialik [Concordância da poesia de C. N. Bialik]. Kiriyat-Sêfer, Jerusalém, 5720, p. 333.

GOLDSTEIN, D. “Mitchilatô shel Bialik”. [Dos primórdios de Bialik. Davar [Palavra], 23.11.1934.

HAMEIRI, Avigdor. Bialik al-atar [Bialik no local], Niv, Tel Aviv, 1962, p. 9.

HAMPEL, Mordechai. “Chaim Nachman Bialik al yahadut hagolá” [Chaim Nachman Bialik sobre o judaísmo da diáspora]. Hapoel hatsair [O jovem operário], 17.7.1962, p. 24.

HARAMATI, Shlomô. Ivrit safá medubéret. [Hebraico língua falada]. Misrad Habitachon hahotsaá laor [Editora do Ministério da Segurança]. Tel Aviv, 2000, p. 125.

HARAMATI, Shlomô. Shloshá shekadmu leven-yehuda [Três que antecederam Ben-Yehuda]. Yad Ben-Tsvi, Jerusalém, 1978, p. 9.

KARNI, Yoav. “Eliezer Ben-Yehuda u’redidut histórit” [Eliezer Ben-Yehuda e ‘superficialidade histórica’]. *Yediot acharonot Tarbut/sifrut/omanut* [Últimas notícias – cultura/literatura/arte]. 27.10.1978.

KATZENELSON, Berl. “Yechid haumá” [O indivíduo da nação]. *Bechevlè adam (al morim vechaverim)* [As dores do ser humano – A respeito de professores e companheiros]. *Am oved*, Bel Aviv, 5705, p. 210.

LANG, Yossef. “’Iton Hagun’ – Nissaion koshel leyassed yomon beTel Aviv” [Um jornal respeitável – Uma tentativa fracassada de criar um diário em Tel Aviv], *Késher*, número 39, outono de 2009, p. 63-74.

LANG, Yossef. *Daber ivrit! Chaiê Eliezer Ben-Yehuda*. [Fale hebraico! Vida de Eliezer Ben-Yehuda]. 2, *Yad Ben-Tsvi*, Jerusalém, 2008, p. 452-503.

LEIBL, Daniel. “Bialik shebeal-pe” [Bialik oral]. *Molad* [Nascimento], 17, número 131, julho de 1959, p. 280.

ROSENTHAL, Ruvik, “Rishrush hagachlilit utsrachat hashaldag – chidushê halashon shel Chaim Nachman Bialik” [O farfalhar do vagalume e o grito do martim-pescador - as inovações da língua de Chaim Nachman Bialik] *Et-mol*, 214, dezembro de 2010, p. 25-27.

SHAMIR, Ziva, “Ma achal Bialik bechanuká” [O que Bialik comeu em Chanuká], *Shirim ufizmonot gam liladim – Lechêker shirat Bialik liladim ulenoar*. *Papyrus*, Universidade de Tel Aviv, 1986, p. 141 -144.

SHNIR, Mordechai. *Bnê hador umorav* [Contemporâneos e seus mestres]. Tel Aviv, 5719, p. 97.

TSAMÉRET, Tsvi, “Bialik kemechadesh hassafá haivrit” [Bialik como renovador da língua hebraica] *Ivunim chadashim* [Novas direções], 23, dezembro de 2010, p. 289 – 296.

TSÊMACH, Shlomô, “Caasher reitiv larishoná” [Quando o vi pela primeira vez]. *Moznaim* [Balança], *Tamuz-Av* 5694, p. 426.